

Análise sintática dos objetos cognatos no quadro teórico da Morfologia Distribuída

Celda Morgado Choupina

Instituto Politécnico do Porto (ESE)/ Centro de Linguística da UP

Abstract:

Cognate constructions form a very extended family and they exist in different world languages. In this paper, we analyze Cognate Object's types and subtypes in European Portuguese, using the framework of Distributed Morphology. From a theoretical point of view, the assumptions of this model allow us to explain that verbs with different syntactic-semantic properties (*sonhar* [to dream], *tossir* [to cough], *cantar* [to sing] and *dormir* [to sleep]) may occur in structures with a cognate object in verbal adjacency, typically in a direct object position. Movement by copy and co-indexing prove to be central mechanisms to the licensing of the cognate object constructions with an eventive interpretation, as in *tossir-tosse* [to cough-cough].

Keywords: Syntax, cognate objects, light verbs, co-indexing, Distributed Morphology.

Palavras-chave: Sintaxe, objetos cognatos, verbos leves, coindexação, Morfologia Distribuída.

1. Introdução

Neste artigo, analisamos sintaticamente construções com objetos cognatos (OC) em Português Europeu (PE) (1), segundo os princípios da Morfologia Distribuída (MD), fazendo uma análise das suas propriedades sintático-semânticas e distinguindo tipos e subtipos. Estas são ainda contrastadas com paráfrases com verbos leves seguidos de nominalizações deverbais (2), estruturas que têm sido estudadas na literatura ora para especificar os OC como objeto de estudo isolado, ora para especificar as propriedades sintáticas dos primeiros.

(1) a) **Sonhei** *um sonho que não deveria ter sonhado.* (corpus: v100; c779)¹

¹ Os exemplos são retirados do *corpus* de Choupina (2013).



- b) (...) Amália **cantou** *uma cantiga italiana* para ser amável com eles. (*corpus*: v15; c116)
- c) (...) **Dormi** *um sono agitado*. (*corpus*: v32; c426)
- d) (...) **Tossi** *a tosse dos asmáticos* (...) (*corpus*: v74; c766)
- e) (...) Paz à alma do indivíduo que **morreu** *de uma morte extremamente estúpida*. (*corpus*: v49; c564)
- f) ... passaram por uma antiga mina de cobre... **caminharam** *por um caminho estreito e escondido*... (*corpus*: v14; c104)

- (2) a) **Tive** um sonho que não deveria ...
- b) #Amália **fez** uma cantiga...
 - c) **Tive** um sono agitado.
 - d)?**Tive**/***fiz** a tosse dos asmáticos.
 - e) **Teve** uma morte extremamente estúpida.

Os OC são categorialmente sintagmas nominais (NP) (cf. 1a - d) ou sintagmas preposicionais (PP) (cf. 1e, f), que ocorrem tipicamente na posição de complemento direto, em adjacência ao verbo. A presença de um determinante indefinido e de um modificador restritivo parecem, no entanto, evidenciar diferenças entre as construções com OC, como veremos mais adiante. A paráfrase por verbo leve (cf. juízos de valor em 2) parece também evidenciar diferenças sintáticas e semânticas entre as construções.

Estes e outros testes mostram que as chamadas construções cognatas formam uma família bastante alargada, sendo de vários tipos: OC verdadeiros; OC aparentados; OC predicativos e OC preposicionais. Neste texto, apresentaremos critérios que nos permitem distinguir alguns destes subtipos de OC, nomeadamente a determinação, a modificação, a passivização, a pronominalização e a paráfrase por verbo leve seguido de nominalização deverbal.



2. Objetos cognatos em Português Europeu: propriedades distintivas de alguns subtipos

As construções em análise são normalmente denominadas objetos cognatos (OC) (Jones 1988; Massam 1990; Hale / Keyser 1993; 2002) ou argumentos sombra (Pustejovsky 1991).

Os OC contêm um nome morfológicamente relacionado com o verbo (*sonhar-sonho*) ou que com ele estabelece uma relação semântica (*dormir-sono*), podendo também ser associados por uma relação de hierarquia (*cantar-fado; dançar-tango*) (hipo/hiperonímica). Os OC e as construções aparentadas combinam-se, geralmente, com verbos considerados, pela tradição gramatical, intransitivos, quer inergativos (*sonhar, dormir, chorar, rir,..*) quer inacusativos (*morrer,..*), mas podem também ocorrer com verbos de alternância transitiva/intransitiva (*dançar, cantar...*).

No entanto, nem todos os intransitivos aceitam OC, nomeadamente os inacusativos, como a agramaticalidade de (3) e (4) mostra.

(3) *He **arrived** an early arrival. (Roberge 2002, *apud* Silva 2010, 51)

(4) *O bebé **nasceu** de um nascimento difícil.

Passemos, agora, à distinção dos subtipos de OC.

Os exemplos (5) a (9), do PE, apresentam, em itálico, objetos cognatos (OC), distribucionalmente adjacentes ao verbo, em posição típica de um complemento direto (CD).

(5) Alérgico a todos os gatos. **Espirrei** *um espirro enérgico*. E foi pelo pra todos os lados!
(*corpus*: v35; c492)

(6) ... agora **neva** *uma neve molhada (...)* (*corpus*: v51; c578)

(7) **Dormi** *um sono profundo, sem sonhos*, mas quando acordei, pensei logo em ti (...)
(*corpus*: v32; c469)



(8) Cruzar a Aldeia de Bogas de Cima, seria sempre a arfar, não fosse a paragem no café local, onde **bebemos** *uma bebida fresca* e (...) (*corpus*: v8; c78)

(9) Também **cantou** *uma canção popular do folclore português*, um “vira” do Minho (...) (*corpus*: v15; c140)

O composto cognato nas frases (5) a (9) contém um verbo e um nome cognato, quer este seja cognato morfológico (*espirrar – espirro; nevar – neve; beber – bebida; cantar – canção*), quer seja cognato semântico² (*dormir – sono*). Independentemente das diferenças morfológicas, semânticas e sintáticas existentes entre eles, os OC ilustrados nestes exemplos são categorialmente SN, como já referimos.

Distinguiremos, nesta comunicação, os OC de (5) a (7) dos OC de (8) e (9).

Os OC de (5) a (7) são constituintes nominais que ocorrem, normalmente, pospostos ao verbo e com ele estabelecem intrínsecas relações morfológicas, etimológicas e/ou semânticas. Nos exemplos (5) e (6), o verbo e o nome cognato (N_{cog}) apresentam uma relação morfológica e etimológica, uma vez que se formam de uma mesma raiz. Em (7), *dormir* e *sono* não são cognatos morfológicos (nem etimológicos), dado que se formam de raízes distintas, porém, são cognatos semânticos – parece que entram na língua a partir de raízes de palavras sinónimas: *dormir* vem de *dormire*, do Latim, e este, por sua vez, vem de *dre-* (*dormir*), do Indo-Europeu; *sono* vem de *somnus*, do Latim, que, por sua vez, vem de *swep-* (*dormir*) do Indo-Europeu³. Consideraremos, por isso, *dormir* e *sono* cognatos semânticos.

Porque em (5) a (7) o composto V – N_{cog} é pleonástico e pouco informativo, o OC apresenta fortes restrições semânticas e sintáticas, como é o caso da indefinidade e da modificação obrigatórias⁴. Veja-se, a este propósito, a agramaticalidade dos exemplos em (10) e (11), com *espirrar* e *nevar*, respetivamente.

2 Neste sentido, entenderemos a *cognação* como uma relação não só etimológica (*cognato* como termo aplicado tradicionalmente a palavras com a mesma origem), mas também como uma relação semanticamente pleonástica – como em *subir para cima, entrar para dentro* (na esteira de Gallego 2012). O alargamento do termo cognato a esta última aceção permite-nos considerar nomes como *sono/sueño/sommeil* cognatos de *dormir* (por uma relação semanticamente pleonástica).

3 Cf. <http://origemdapalavra.com.br/> (consultado em 2013).

4 Também no PB (cf. Silva 2010) e no Inglês (cf. Høche, 2008) a indefinidade e a modificação se apresentam como condição *sine qua non* para a boa-formação dos OC prototípicos.



- (10) a. Alérgico a todos os gatos. ***Espirrei** *um espirro*.
 b. Alérgico a todos os gatos. ***Espirrei** *o espirro*.
 c. Alérgico a todos os gatos. ***Espirrei** *o espirro enérgico*.
- (11) a. *agora **neva** *uma neve*.
 b. *agora **neva** *a neve*.
 c. *agora **neva** *a neve molhada*.

A agramaticalidade de (10a) e (11a) deve-se à ausência do modificador restritivo, responsável, neste tipo de construção, pela informação nova. Nos exemplos (10b) e (11b), a agramaticalidade é justificada não só pela ausência de modificador, mas também pela definitude do sintagma.

A nível semântico, os OC com *espirrar* e *nevar* apresentam-se como objetos que ampliam o evento descrito pelo verbo, sendo considerados por alguns autores como objetos de evento ou de resultado⁵ (cf. Höche, 2009). Neste sentido, os OC desta classe ou têm uma leitura de evento, sendo que apenas há *espirro* enquanto o evento de *espirrar* existir; ou uma leitura de resultado de breve duração, como em *nevar*.

Quanto à frase com *dormir*, (7), a ausência de modificador pode não levar propriamente a uma agramaticalidade sintática, porém gera uma interpretação diferente da primeira (marcada no teste (12) com #) e, assim, justifica-se que seja considerado outro tipo de construção.

- (12) #**Dormi** *um sono*, mas quando acordei, pensei logo em ti.

Com o verbo *dormir*, o cognato sem modificador, em (12), no PE, é equivalente, a nível dialetal, a *dormir durante um curto período de tempo*, normalmente depois das refeições,

5 Höche (2009) distingue os objetos de resultado 1 (ex.: *live a life* [viver uma vida]; *smile a smile* [sorrir um sorriso]) dos objetos de resultado 2 (ex.: *build a building* [construir uma construção], *produce a product* [produzir um produto]), segundo o tipo de objeto criado durante o evento descrito pela atividade do verbo: os primeiros são entendidos como uma componente do processo verbal, normalmente a final, não tendo uma existência independente; os segundos são entidades concretas que passam a existir após o evento, independentemente de este terminar. Os OC com leitura de evento podem também ser considerados de resultado 1, sendo que o resultado “criado” se aproxima de uma experiência que o sujeito tem.



podendo ser substituído por *sesta* e *soninho* (cf.13), e não pode ser considerado um OH como em *dançar-tango*, dado que aqueles não se apresentam como um tipo de sono mas como um limite para o tempo de sono.

(13) **Dormi** *um soninho/uma sesta*, mas quando acordei, pensei logo em ti.

Neste sentido, deixamos de estar perante o primeiro tipo de OC, sendo que o processo de dormir passa a estar limitado a um período de tempo.

Quanto ao critério da indefinidade, este parece ser uma exigência também para os cognatos com o verbo *dormir* e definidora dos tipos de construções cognatas – os OC verdadeiros. No entanto, o critério da indefinidade não é visto como absolutamente uniforme numa dada língua e nas várias línguas em que as construções ocorrem. Real-Puigdollers (2008: 170) analisa os OC em Línguas Românicas e considera que o Espanhol, o Italiano e o Francês não apresentam obrigatoriedade de indefinidade no objeto cognato, sendo que, a partir dessa análise, alarga a ideia às Línguas Românicas no geral. Afastar-nos-emos da conceção da autora, por não aceitarmos que exemplos estritamente literários e/ou expressões fixas (cf. (14) possam ser aduzidos para fundamentar a heterogeneidade dentro das Línguas Românicas e destas em relação ao Inglês.

(14) a. **Reir** *la risa de un niño*. (Mendikoetxea, 1999: 1578)

[Rir o riso de uma criança.]

b. **Dorme** *il sono del giusto*. (Renzi, 1988: 60 (vol.1))

[Dorme o sono do justo.]

c. **Pleurer** *toutes les larmes de son corps*. (Grevisse & Goosse, 1993:393)

[Chorar todas as lágrimas do seu corpo.]

1. She **slept** *the sleep of the just*. (Hale & Keyser, 2002)

[Ela dormiu o sono do justo.]



As frases (14a. e d.), para o Espanhol e o Inglês, respetivamente, por conterem expressões fixas ou em processo de lexicalização, apresentam artigo definido e não podem permitir concluir que estas línguas, portanto, não exijam a indefinidade do objeto cognato. A expressão “dormir o sonho dos justos” ocorre em diversos dicionários (impressos e *on line*) das mais diversas línguas⁶. Aceitamos, portanto, o critério de indefinidade como requisito básico para a existência de um OC verdadeiro⁷. (tal como Silva, 2010, para o PB)

Em síntese, com os verbos *espirrar*, *nevar* e *dormir* encontramos um tipo de cognato que exige modificação e indefinidade – *os OC verdadeiros*.

Os OC verdadeiros ocorrem, tipicamente, com verbos ditos de 0 argumentos, como os meteorológicos (*chover*, *nevar*), com verbos de 1 argumento, como os de comunicação não verbal/reacção corporal (*espirrar*, *tossir*, *bocejar*, *gritar*), alguns de comunicação verbal (*orar*), alguns cognitivos ou de processos intelectuais (*sonhar*, *pensar*) e alguns de sentimento (*sofrer*), ainda que com diferenças ao nível da produtividade/frequência em PE (cf. Choupina, 2013).

Consideramos que os OC de tipo verdadeiro exigem indefinidade e modificação restritiva (cf. (10) e (11)) e não permitem a pronominalização ((15a) e (16a)) nem a passivização ((15b) e (16b)), o que evidencia fortes restrições sintáticas e semânticas destas construções.

- (15) a. *Sonhei-o.
b. *Um sonho que não deveria ter sonhado foi sonhado por mim.
- (16) a. *Dormi-o.
b. *Um sono agitado foi dormido por mim.

6 Francês – *dormir du sommeil du juste*

(<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/dormir/26496/locution?q=dormir+le+sommeil+de+juste#154776>); Inglês - *I sleep the sleep of the just* (<http://oxforddictionaries.com/definition/english/sleep>); Italiano - *dormire el sono del juste* (<http://it.thefreedictionary.com/dormire+el+sono+del+juste>).

7 Silva (2010: 17, 92 e ss.), para o PB, apresenta também as seguintes propriedades como características típicas dos OC prototípicos (para nós OC verdadeiros de tipo a): “verbo principal intransitivo transitivizado pela instanciação pós-verbal de um Sintagma Nominal interpretado no predicado como objeto direto, que contém um determinante (fraco, não referencial), um núcleo (nome cognato ao verbo intransitivo) e um modificador (SA/SP/SC)” (Silva, 2010: 17).



Aceitamos a operação sintática de coindexação e a interpretação eventiva deste subtipo de OC (na sequência de Massam, 1990 e Höche, 2009) como causas daquelas impossibilidades. Exploraremos mais adiante esta ideia.

É comumente referida na literatura a possibilidade de as construções com OC serem parafraseadas por estruturas com verbos leves (cf., entre outros, Real-Puigdollers, 2008; Gonçalves *et al.*, 2010). Vejamos, em (17) e (18), o funcionamento de alguns OC verdadeiros morfológicos perante paráfrases por verbos leves.

(17) a. **Espirrei** *um espirro enérgico*.

b. **Dei** *um espirro enérgico*.

(18) a. **Sonhei** *um sonho que não devia ter sonhado*.

b. **Tive** *um sonho que não devia ter tido*.

Os OC com os verbos *espirrar* e *sonhar* parecem aceitar facilmente a paráfrase com os verbos leves *dar* e *ter*, em (17) e (18), respetivamente, não tendo, pelo menos aparentemente, sofrido qualquer diferença de interpretação. No entanto, a escolha do verbo leve não se faz ao acaso, segue determinados requisitos semânticos e sintáticos (cf. Gonçalves *et al.*, 2006; 2010). Vejamos, ainda, o que ocorre com o verbo *chorar*, (19).

(19) a. A mãe **chorou** *um choro manso*.

b. ?/#A mãe **fez** *um choro manso*.

c. ?/#A mãe **teve** *um choro manso*.

O verbo *chorar* parece não aceitar a paráfrase com facilidade, nem com o verbo leve *fazer* nem com o verbo leve *ter*. As paráfrase em (19b) e (19c) apresentam interpretações algo distintas de (19a). Em (19b), o sujeito pode ter realizado um choro intencional, diferente do choro enquanto reação corporal (19a). Várias questões devem ser discutidas a partir da substituição de verbos cognatos por verbos leves: (i) nem todos os verbos com cognato aceitam facilmente a



substituição por verbo leve (20); (ii) as paráfrases podem envolver várias interpretações (21); (iii) alguns verbos que admitem construção com verbo leve não admitem com um verbo pleno (22) e vice-versa (23).

(20) ?/# A mãe **fez/teve** *um choro manso*.

(21) #A Amália **fez** *uma canção*.

(22) a. *O homem estrangeiro **entrou** *uma entrada intempestiva*/***chegou** *uma chegada inesperada*/***partiu** *uma partida repentina*.

b. O homem estrangeiro **teve** *uma entrada intempestiva/uma chegada inesperada/ uma partida repentina*.

(23) a. **Amanheceu** *uma manhã bastante agradável*: o mar não está assim muito agitado e o céu não muito encoberto. (*corpus*: v4; c13)

b. ?Fez uma manhã bastante agradável.../***Teve** uma manhã bastante agradável.../*Deu uma manhã bastante agradável...

Os verbos leves constituem uma discussão muito interessante, achamos que haverá verbos leves distintos, talvez uma escala em que se considerem num contínuo de afastamento relativamente aos verbos plenos, a eles voltaremos ainda mais tarde.

Os *OC verdadeiros* são os mais típicos ou prototípicos no conjunto dos tipos de cognatos e são, não raras vezes, confundidos com expressões lexicalizadas ou quase cristalizadas (cf.24) e com objetos considerados por nós (Choupina, 2013) como OC predicativos, como os apresentados em (1d), aqui retomado em (24b). Por limites de espaço, estes dois tipos de expressões cognatas não serão analisados aqui.

(24) a. *Dormir o sono dos justos; chorar lágrimas de crocodilo; morrer de uma morte santa*

b. (...) *Tossi a tosse dos asmáticos* (..) (*corpus*: v74; c766)



Mas os OC verdadeiros são ainda confundidos com outros tipos de cognatos muito semelhantes, como (1b) aqui retomado em (25).

(25) (...) Amália **cantou** *uma cantiga italiana* para ser amável com eles. (*corpus*: v15; c116)

O sintagma em itálico do exemplo (25) constitui um outro tipo de OC, ainda que categorialmente seja SN e ocorra, comumente, com artigo indefinido e modificador. O verbo e o nome apresentam igualmente, pelo menos à superfície, uma relação morfossemântica⁸. Embora próximos, pelas suas aparentes propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas, estes OC têm mais liberdade de estruturação, podendo não apresentar modificação, (26).

(26) Amália **cantou** *uma cantiga*.

De notar que, neste exemplo, a interpretação é marcada pelo quantificador numeral, afastando-se da leitura de evento e aproximando-se de uma leitura de entidade, sendo que o objeto *uma canção* será um objeto efetuado, na linha de Moreno Cabrera (1991)⁹.

Quanto à indefinidade, não é requisito de gramaticalidade deste subtipo de OC. Ainda que o exemplo (27b) necessite de um discurso contextualizador para ser considerado totalmente aceitável, parece-nos mais aceitável do que os exemplos com OC verdadeiros (cf. (10) e (11)).

(27) a. Amália **cantou** *a cantiga italiana*...

b. ?Amália **cantou** *a cantiga*.

Os OC deste tipo podem ser substituídos por objeto hipónimo (OH), sendo que o hiperónimo *cantiga* pode ser substituído pelo hipónimo *vira* ou *fado* (28), por exemplo.

⁸ Leung (2007) entende a relação entre os *comer* e *beber* e os nomes *comida* e *bebida*, respetivamente, como ocasional, portanto, “uma coincidência morfológica” (Leung, 2007:68).

⁹ Cf. também Cano Aguilar (1981) e Moreno Cabrera (1991) para uma distinção semântica de níveis de transitividade com base na distinção funcionalista entre objetos afetados e objetos efetuados; e Höche (2009) para uma diferenciação de subclasses de OC quanto ao tipo de afetação do objeto.



(28) ... **cantou** *um vira/fado* (português).

Assim, as construções *cantar-cantiga* (e *beber-bebida*, *dançar-dança*), por um lado, e *cantar-fado* (*beber-água*, *dançar-tango*), por outro, com os verbos *de alternância transitiva*, são cognatos aparentados ou hipónimos alternantes (cf. também Gallego, 2012). Aceitam a pronominalização (29a) e a passiva (29b), tal como os objetos não cognatos.

(29) a. Amália **cantou-a**.

b. ... Uma cantiga italiana foi cantada por Amália.

No que às paráfrases por verbo leve diz respeito, nem todos os verbos com cognato aparentado podem ser substituídos por verbo leve e quando se tenta a substituição podemos encontrar, pelo menos, duas situações distintas: (i) estruturas agramaticais (30); (ii) outra interpretação e construção com verbo pleno, homónimo do verbo leve (31).

(30) a. *Amália **deu/teve** *uma cantiga italiana*.

b. *Ela **deu/teve** *uma bebida alcoólica* com os amigos.

(31) a. #Amália **fez** *uma cantiga italiana*.

b. #Ela **fez** *uma bebida alcoólica* com os amigos.

Como podemos verificar pelos exemplos acima, os verbos *cantar* e *beber* não aceitam a substituição pelos verbos leves *dar* e *ter* (30). Quanto à paráfrase com o verbo *fazer* (31), esta afigura-se problemática, uma vez que a construção deixa de ter a interpretação de execução (como com *cantar*) ou ingestão (como com *beber*) e passa a ter uma interpretação de criação/preparação (*fazer* como *criar* (31a) /*preparar* (31b) *algo*). Nesta perspetiva, o objeto parcialmente efetuado de *cantar uma canção* passa a objeto totalmente efetuado em *fazer uma canção* (31a); o objeto afetado *beber uma bebida* transforma-se em objeto totalmente efetuado em *fazer uma bebida* (31b). As diferentes interpretações que as paráfrases geram indicam que em (31), portanto, não estamos perante o verbo *fazer* como verbo leve, mas como verbo pleno.



Em síntese, apresentamos o **Quadro I** com as propriedades sintático-semânticas que assemelham e distinguem as construções com OC verdadeiro das construções com OC aparentado e com OH.

Quadro I – Propriedades e/ou critérios distintivos dos diferentes subtipos de objetos cognatos

Propriedades/ critérios	OC verdadeiro	OC aparentado	OH
Categoria SN	+	+	+
Adjacência ao V	+	+	+
Relação morfológica V-N	+/-	+	-
Modificação	+	+/-	+/-
Indefinitude	+	+/-	+/-
Ocorrência com OH	-	+	-----
Paráfrase por V_{leve} + nominalização deverbal	+	-	-
Pronominalização	-	+	+
Passivização	-	+	+

Adaptado de Choupina (2013: 253)

3. Análise sintático-semântica dos objetos cognatos

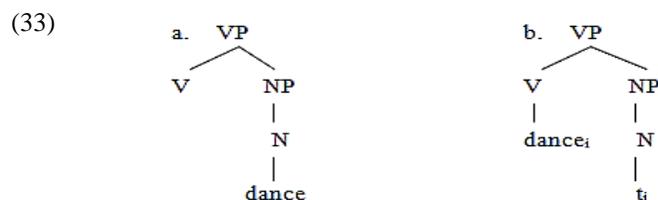
3.1. Perspetivas de análise em diferentes quadros teóricos

O fenómeno dos OC está largamente estudado na literatura especializada, principalmente para o Inglês. Neste âmbito, são incontornáveis os trabalhos desenvolvidos por Hale & Keyser (1993; 2002), a partir dos quais as estruturas argumentais são pensadas e projetadas no próprio Léxico e muitos verbos são formados por incorporação nominal.

Em Inglês há, contrariamente ao que ocorre nas Línguas Românicas, um grande número de formas que pertencem simultaneamente à categoria dos nomes e à categoria dos verbos: *dance*, *laugh*, *bottle* e *saddle*. No seguimento deste fenómeno, Hale & Keyser (1993) propõem que os verbos inergativos denominais em Inglês (como *to dance*, *to laugh*) sejam considerados «transitivos escondidos» num nível subjacente, formados por um processo lexical abstrato de incorporação – por um movimento do núcleo da posição nominal para a posição verbal, como se ilustra nas estruturas em (33) para a construção (32).



(32) He danced a dance. (Hale & Keyser, 2002: 71)

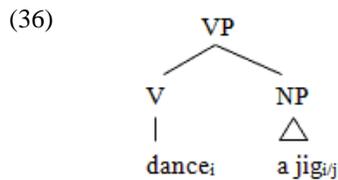
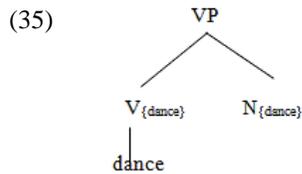


Esta proposta é ligeiramente adaptada em Hale & Keyser (2002), sendo que todos estes verbos denominais passam a ser identificados como monoargumentais, projetando uma estrutura argumental monádica. No entanto, o que acontece é que estes mesmos verbos que sofrem incorporação podem também coocorrer em construções como as de (34), em que, afinal, a posição reservada para a primeira raiz (que sofreu uma incorporação para formar a forma fonológica do verbo) está agora ocupada: em (34a) está ocupada por material morfológicamente idêntico ao incorporado (*dance*) e em (34b) está ocupado por um novo material linguístico (*a jig*).

- (34) a. He danced *a dance*.
 b. He danced *a jig*.

No sentido de resolver este paradoxo, os autores introduzem a noção de *conflation*, enquanto um «process of copying the p-signature of the complement into the p-signature of the head, where the latter is “defective”» (Hale & Keyser, 2002: 63 e 93). No entanto, esta abordagem continua a levantar um grande problema: os mesmos verbos que apresentam uma estrutura com OC (34a), explicada agora por *conflation* (cf. estrutura em (35)), podem também formar livremente objetos hipónimos (OH), como *a jig*, (34b), aparentemente na mesma posição sintática que o OC, como se ilustra em (36).





Podem, então, coocorrer, no Inglês, três estruturas com um mesmo verbo, como as apresentadas em (37) para *to dance*: com objeto escondido ou incorporado (37a); com objeto cognato (37b) - OC; com objeto hipónimo - OH (37c).

- (37) a. He danced.
 b. He danced *a dance*.
 c. He danced *a jig*.

Sem negligenciar outras propostas, quer lexicalistas, quer não-lexicalistas, faremos apenas referência aos contributos de Haugen (2009), dado que representa uma primeira análise dos OC no quadro da Morfologia Distribuída (MD).

Haugen (2009) adota a teoria da MD (desenvolvida, entre outros, por Halle & Marantz 1993; Harley & Noyer 1999), segundo a qual é a estrutura que determina a formação das palavras e a maior parte do sentido das construções. Trata-se, portanto, de um modelo oposto ao modelo lexicalista de Hale e Keyser, como vimos anteriormente. Segundo Haugen (2009), o abandono do conceito de incorporação estrita e a revisão da noção de *conflation* de Hale & Keyser (2002) não permitem resolver os problemas levantados pelos OC e pelos OH.



A proposta de Haugen assenta na aceitação da *inserção tardia*, na ideia de que “syntactic categories are purely abstract, having no phonological content” (Harley & Noyer, 1999: 3, citado por Haugen, 2008: 248) e na não primazia das categorias designadas de nomes e verbos (os radicais são não especificados, não apresentando, portanto, traços de categoria). Desta forma, a MD posiciona a estrutura sintática hierárquica ao longo do percurso de derivação e conta com projeções funcionais (os chamados *f* - morfemas, *n*, *a* ou *v*) para interpretar os radicais acategoriais. Haugen alia a operação de inserção tardia à teoria da cópia, sendo esta última que permitirá a análise dos OC e a primeira que autoriza a inserção de OH. Neste sentido, a inserção de radicais nominais não cognatos (hipónimos dos radicais cognatos) na posição de cópias altas e baixas, depois da aplicação da operação de movimento por cópia, o autor resolve o problema levantado em Hale & Keyser (2002), pelas estruturas em (33) (cf. Haugen, 2009: 248).

Apesar das diferenças teóricas, Hale & Keyser (2002) e Haugen (2009) admitem a existência de, pelo menos, dois tipos de construções: as que admitem OC e OH e as que apenas admitem OC, correspondendo, respetivamente, aos OC aparentados e aos OC verdadeiros.

3.2. Análise sintática de alguns subtipos de objetos cognatos no quadro teórico da Morfologia Distribuída

Massam (1990) propõe que as noções de coindexação sintática e de causalidade concetual expliquem as diferenças sintáticas entre as construções com *sorrir/sonhar* (OC verdadeiros) e as construções com *dançar/cantar* (OC aparentados), sendo que a relação de causalidade que se estabelece entre o verbo e o OC não é exatamente igual. A coindexação existente entre o cognato, *a beautiful laugh*, e o verbo, *laughed*, na frase (38), justifica a impossibilidade deste tipo de construção ocorrer na passiva (39).

(38) John **laughed** *a beautiful laugh*.

(39) *A silly was smiled by John. (Massam 1990: 180)



Contrariamente, a causalidade concetual, não coindexada sintaticamente, entre *the dance* e o verbo, em (40), permite que o OC seja livre e possa ser deslocado por passiva, à semelhança do que se passa com os objetos não cognatos e os OH, como as passivas sintáticas em (41) ilustram. Estes são verdadeiros argumentos dos verbos.

(40) *John danced the dance.*

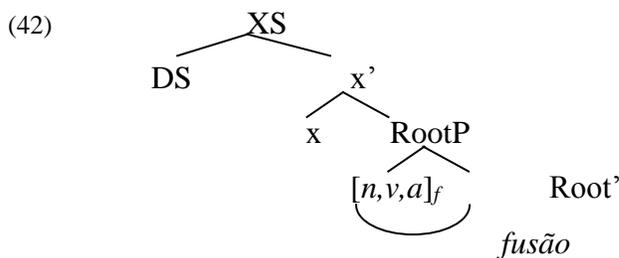
(41) a. *The dance was danced by John.*

2 *The Irish jig was danced by Bernadette.* (Massam, 1990: 180)

Massam (1990) propõe, então, que a interpretação eventiva dos OC seja vista como consequência do mecanismo de coindexação, hipótese que aceitaremos como pertinente, como veremos.

Em complemento, e segundo a Morfologia Distribuída, as raízes integradas na sintaxe são raízes não categoriais e a mesma raiz pode *spell out* duas ou mais cópias; nessas condições, uma mesma raiz pode produzir dois Itens de Vocabulário, mesmo de categorias diferentes.

Supondo, então, que a Sintaxe é a única componente geradora do sistema, as raízes abstratas (*l*-morfemas) e não categoriais, armazenadas na Lista A¹⁰, são inseridas no núcleo terminal, associando-se por fusão (*merge*) a um morfema funcional (os *f*-morfemas, que podem ser *n*, *v*, *a*), também denominados categorizadores, como ilustrado em (42)¹¹.



10 A arquitetura de gramática da Morfologia Distribuída conta com três listas: Lista A, onde se encontram os morfemas lexicais e traços morfossintáticos abstratos, entre os quais os morfemas categorizadores ou *f*-morfemas; Lista B, onde se conectam os morfemas categorizadores e as raízes, assim como o resultado da fusão dos anteriores a outros morfemas morfossintáticos e outras raízes, formando-se os itens de vocabulário (por *spell-out*) e se constroem as estruturas sintáticas e se completam as estruturas de evento; Lista C, responsável pelo licenciamento semântico dos itens de vocabulário e o sucesso de toda a estrutura; atua em dois níveis, enciclopédico e o semântico, na interface com o domínio Concetual. Ver também, entre outros, Halle & Marantz (1993), Harley & Noyer (1999), Marantz (1998, 2001).

11 Adotaremos as siglas em Inglês nas estruturas apresentadas neste ponto do artigo.

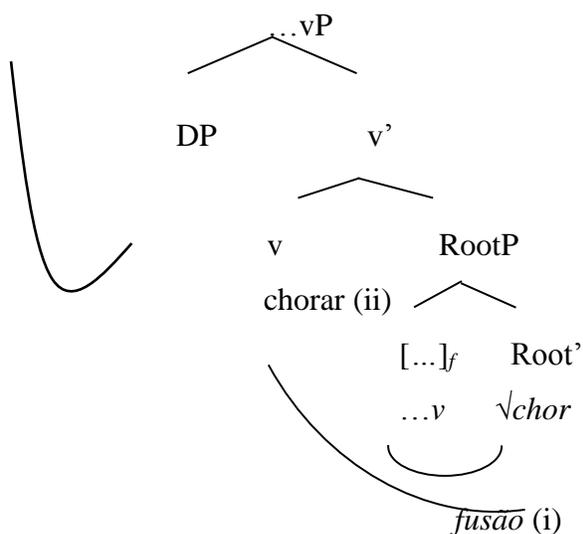


Partindo dos pressupostos teóricos apresentados e das propriedades sintáticas e semânticas discutidas, consideremos primeiramente o caso das construções com OC verdadeiros morfológicos, com base no exemplo (43).

(43) A mãe **chorou** *um choro silencioso*. (OC verdadeiro)

Na sequência das ideias já discutidas da MD (Marantz, 1993; Embick & Noyer, 2001 e também Alexiadou, 2001), que propõe que a sintaxe verbal tenha, pelo menos, dois níveis estruturais (RootP e vP), propomos em (44) a estrutura parcial para um verbo do tipo *chorar*.

(44)



O item de vocabulário resultante da fusão da raiz *chor-* com o *f-* morfema verbal (etapa (i)) é, pelo processo de movimento por cópia, copiado para v (etapa (ii)), uma categoria funcional verbal responsável pela transitividade da construção; depois da subida da cópia verbal, esta deixa traços fonológicos na posição da raiz (a cópia baixa), que podem ou não tornar-se visíveis no módulo Enciclopédia¹². Esta última opção permite a construção com e sem OC expresso.

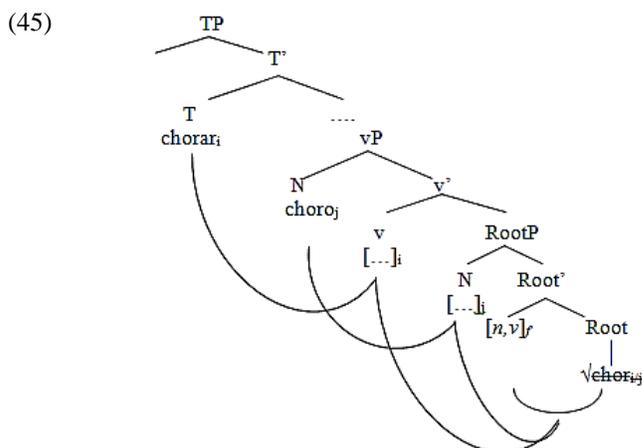
12 O módulo Enciclopédia é uma das três componentes que integram a arquitetura de gramática em MD, contendo entradas que relacionam itens de vocabulário a significados, podendo albergar informações extralinguísticas, relacionadas com a interpretação semântica dos elementos já gramaticalmente formados.



Ainda que inspirado no mecanismo da cópia do Programa Minimalista, o movimento por cópia adotado pela MD apresenta algumas particularidades que convém realçar: (i) a cópia é um componente da operação sintática mover (*move*); (ii) a cópia pode ocorrer ao nível de traços, presentes quer em morfemas lexicais (as raízes), quer em morfemas funcionais, o que permite a ocorrência da mesma forma morfológica, mas com traços especificadores distintos, assim como a concordância entre vários elementos, como, por exemplo, em número e género, por meio da cópia de traços; (iii) uma raiz, acategorial, pode gerar múltiplas cópias, de categorias distintas; (iv) por movimento por cópia, um item de vocabulário (resultante da fusão da raiz com o morfema categorizador), sendo subespecificado, pode igualmente ser inserido em núcleos distintos, gerando mais que uma cópia, uma vez que ainda não possui expressão fonológica; (iii) pode haver sobrevivência da segunda cópia sem a cópia geradora, desde que copie traços suficientes para aceder à forma fonológica ou, então, o nó terminal da sintaxe onde é inserido contenha os traços necessários para a sua especificação. Assim, a sintaxe pode geral especificação necessária, que se encontra ausente no item de vocabulário; (iv) não há lugar a mecanismos de redução de cadeias, dado que o não *spell out* impede a visibilidade em forma fonológica de uma ou várias cópias; (v) há licenciamento de várias cópias, por via de condições pós-sintáticas de localidade ou de regras morfológicas. (cf. Halle & Marantz, 1994, e.o.).

Numa construção como a de (43), o núcleo, num só *spell out*, produz duas cópias: uma cópia alta (núcleo de [v, v ']), que sobe em seguida a fim de verificar os traços de Voz, Aspeto e Tempo, específicos das formas verbais flexionadas/finitas, e uma cópia baixa (projetada na posição de especificador de RootP), que se move para uma posição de especificador de vP para verificar os traços de acusativo, como ilustrado em (45). O facto de haver duas cópias projetadas no mesmo movimento permite a coindexação sintática, nos moldes de Massam (1990), assim como a leitura de evento deste tipo de OC.





Desta forma, a construção com OC *chorar - choro* é abstratamente possível, tal como seria para *sonhar- sonho* e *espirrar-espirro*.

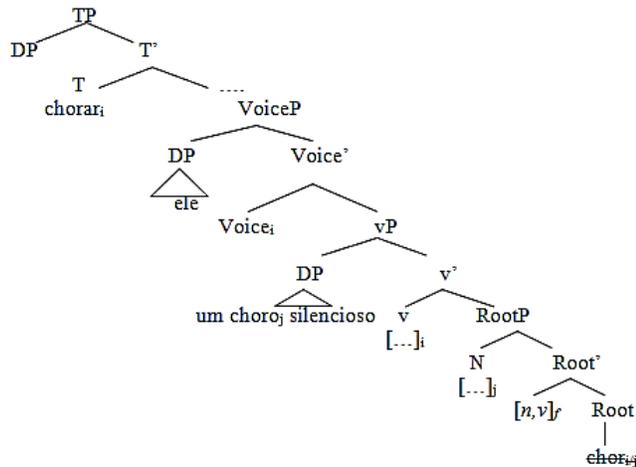
No entanto, dois problemas se colocam: primeiro, é necessário que o núcleo nominal *choro* seja inserido num DP, integrando um determinante indefinido e um modificador em posição pós-nominal, duas condições para a gramaticalidade da construção em PE; segundo, a posição para a qual a cópia nominal se move é uma posição de especificador de vP, que está, para certos autores, reservada à inserção do argumento “externo”, antes de subir para a posição de especificador de TP, onde verificará os traços de caso nominativo.

Alexiadou (2006), seguindo Kratzer (1996), resolve o segundo problema de uma forma mais interessante que Siddiqi (2009), admitindo uma categoria funcional verbal acima de vP, a categoria VoiceP, que permite a inserção do argumento “externo”, o sujeito sintático, e liberta a posição de especificador de vP, que, a partir desta sugestão, servirá para acolher a cópia baixa e os mecanismos de atribuição de caso acusativo.

Em consequência desta proposta, para a construção (43), propomos a estrutura (46), como forma de resolver alguns dos problemas levantados pela estrutura precedente.



(46)



Esta abordagem aproxima-se da ideia dos núcleos aplicativos de Marantz (1993), desenvolvida para analisar construções de Objeto Duplo, em Inglês, e as construções aplicativos em geral, nas línguas Bantu. Assim, as categorias VoiceP e vP são núcleos funcionais verbais e, deste ponto de vista, são núcleos aplicativos que permitem a construção da grelha argumental e da grelha temática dos predicados¹³.

Quanto à primeira questão, voltemos aos pressupostos da teoria: a segunda cópia da raiz acategorial é inserida em especificador de RootP, no nó terminal, sendo que aí se funde com o morfema funcional *n*, resultando um Item de Vocabulário nominal, pronto para ser inserido na sintaxe, segundo a Hierarquia da Estrutura Sintática concebida por este modelo. Dado que a inserção na Sintaxe, em MD, ocorre ao longo do percurso da derivação, a inserção do Item de Vocabulário recentemente formado não tem sucesso no *spell out*, uma vez que os seus traços semânticos, sintáticos e fonológicos são redundantes em relação aos traços do nó onde é inserido, que exige traços distintos do V, que, como sabemos, se encontra em adjacência. Para a sobrevivência deste Item de Vocabulário terá de ocorrer uma de três situações: ou é apagado (i) ou fusionado com o V (ii), aplicando-se operações morfológicas regidas por condições sintáticas de localidade: no primeiro caso, apagamento, e, no segundo, fissão; (iii) ou regressa à derivação, a fim de ser especificado com novos traços, que lhe permitam a sobrevivência num núcleo

13 Existe, de alguma forma, uma distinção entre a noção de núcleos aplicativos original de Marantz (1993), proposta para dar conta de fenómenos de acrescento de argumentos a uma estrutura argumental, e a noção de núcleos aplicativos por nós utilizada, uma vez que pretendemos que estes núcleos sejam os geradores da estrutura argumental de um predicado.



distinto do do verbo e em adjacência (cf. Halle & Marantz, 1994). Desta forma, e dadas as condições de coindexação sintática entre as duas raízes (a verbal e a nominal), o Item de Vocabulário regressa à Computação e ascende ao núcleo de uma projeção intermédia nP, onde recebe não só traços de concordância (número e género) e traços que especificam o tipo de nome (cf. Alexiadou, 2001) como qualquer nome não cognatos, mas também a definitude e a modificação obrigatórias. Pensamos que o restritor deste nome seja inserido ainda dentro da categoria lexical nP (em especificador) e a indefinitude numa categoria funcional acima desta. Nesta perspetiva, a indefinitude e o modificador são licenciadores da cópia nominal em adjacência à cópia verbal, ainda que possuam conteúdo concetual similar. Ramchand (2008) define o modificador neste tipo de DP como licenciador do Rema.

No âmbito da MD, poderíamos colocar ainda uma outra hipótese explicativa para a obrigatoriedade de indefinitude e de restrição: como a subespecificação das expressões fonológicas permite explicar que haja traços presentes nos nós terminais da sintaxe que estão ausentes no Item de Vocabulário, o OC, em coindexação sintática com o verbo, é inserido apenas como Nome e as propriedades sintático-semânticas são especificadas pela própria estrutura sintática. Consideremos em aberto esta última hipótese e vejamos o que ocorre com outros tipos de OC.

Analisemos, então, a seguir os OC verdadeiros como o ilustrado na frase apresentada no exemplo (7), repetido aqui em (47a), com um OC verdadeiro de tipo semânticos, e a variante em (47b), sem objeto interno realizado.

(47) a. **Dormi** *um sono profundo* (...) (*corpus*: v32; c469)

b. **Dormi.**

Como já foi largamente discutido, em (47a) estamos perante um OC verdadeiro semântico, não sendo produtiva, no PE, a estrutura com o par *dormir – dormida*. *Dormir* e *sono* não são cognatos morfológicos, pelo que não podem resultar da mesma raiz, que, por movimento por cópia, cria uma mesma forma morfológica com traços especificadores distintos, como acontece na formação dos cognatos morfológicos antes analisados. A estrutura apresentada para *chorar um*



choro..., em (46), é adequada para o predicado *dormir um sono...*, em (47a), porém as operações e a ordem de ocorrência são diferentes. Estas diferenças devem-se ao facto de o OC *um sono...* não derivar da mesma raiz que dá origem ao verbo *dormir*. Desta forma, após a fusão da raiz acategorial *dorm-* com o morfema verbalizador, não se produzem duas cópias, uma que se projetaria em *v* e outra em *spec* de *RootP*, tal como acontece nos cognatos verdadeiros morfológicos. Vejamos, então, como explicar a formação do par *dormir – sono*, na frase (47a).

Após a fusão da raiz *dorm-* com o morfema verbalizador e durante o *Spell out* há uma inserção tardia de uma raiz, autorizada pela forte identidade de traços semânticos entre o verbo e o nome *sono*, sendo que ambas as raízes são projetadas em simultâneo. No entanto, podemos questionar-nos sobre o porquê de haver uma segunda inserção de material lexical na mesma posição [*RootP*], quando já existe uma raiz, e sobre o que licencia esta segunda inserção.

Nestes casos, a *inserção tardia* é motivada semântica e discursivamente (conforme Haugen, 2009), sendo que os traços semânticos das duas raízes licenciam tal inserção. O módulo Enciclopédia (Lista C) faz a seleção da raiz, de acordo com o conhecimento enciclopédico, e o módulo Concetual, de acordo com os traços semânticos e o significado gerado, autoriza a derivação.

Assim, *dormir* e *sono* não resultam de um movimento por cópia da mesma raiz, mas sim da inserção tardia da raiz *son-*, durante o mesmo *spell out* em que é soletrado o verbo *dormir*. Este ponto de vista obriga-nos a novas reflexões: dado que os Itens de Vocabulário (o N e o V) não são o resultado de um movimento por cópia da mesma raiz, o que justifica a existência das mesmas restrições verificadas nos OC morfológicos? Qual a necessidade dessas restrições? Como são inseridos ou copiados os traços de indefinidade e de modificação? As respostas a estas questões levam-nos a argumentar em defesa da segunda hipótese antes apresentada: o Item de Vocabulário nominal é soletrado na mesma operação que o verbo, gerando coindexação sintática, e é inserido num nó terminal da sintaxe gerador das especificações ausentes daquele Item de Vocabulário. Por nos estarmos a afastar da discussão central deste artigo, deixaremos esta questão para futuras investigações.

Voltemos, agora, às paráfrases dos OC por verbos leves.



Como temos vindo a ver ao longo do artigo, os objetos cognatos são de vários tipos, sendo que os OC verdadeiros (*chorar – choro; espirrar – espirro*) são mais restritivos sintática e semanticamente do que os OC aparentados, verdadeiros argumentos dos respetivos verbos. Enquanto os OC verdadeiros podem, no geral, ser parafraseados por verbos leves (*dar um espirro*), os OC aparentados tendem a não aceitar facilmente essa paráfrase ou criam ambiguidade na interpretação e no estatuto do verbo (cf. *#fazer uma dança*, em que o # indica que o verbo *fazer* está aqui a ser usado como um verbo pleno, portanto, como sinónimo de *criação*).

A substituição não se revela uniforme com todos os verbos e todos os tipos de OC em estudo – nomeadamente os OC verdadeiros, os OC aparentados e os OH. Neste sentido, há graus diferentes de aceitabilidade das construções com V leve, (48) a (50), e há mesmo possibilidade de várias interpretações para certas construções, como em (50), como já se explorou.

- (48) O bebé *deu um espirro*.
 (49) O bebé **deu/#fez/#teve um choro sufocante*.
 (50) *#Os guerreiros fizeram uma dança esquisita*.

Se numa construção com o par cognato *espirrar-espirro*, a substituição do verbo *espirrar* pelo V leve *dar* é perfeitamente aceitável, como no exemplo (48), com o par *chorar-choro*, a paráfrase é mais restritiva e há mais dificuldade em selecionar qualquer um dos verbos leves (49): com *dar* e *fazer* a frase é agramatical e com *ter* parece mais aceitável. Propriedades aspetuais intrínsecas aos diferentes verbos leves poderão explicar (pelo menos parcialmente) os diferentes graus de aceitabilidade, questão que não iremos explorar neste artigo (cf. Gonçalves *et al.*, 2010).

No exemplo (50), com um verdadeiro argumento (um OC do tipo aparentado), a paráfrase congrega, pelo menos, duas leituras diferentes: os guerreiros criaram uma dança esquisita, enquanto autores/criadores, ou os guerreiros executaram uma dança que era esquisita, ou seja, podemos ter uma leitura de entidade ou uma leitura de evento, respetivamente.



Em frases como (3) e (4), podemos aceitar as frases com um verbo leve, enquanto com verbo pleno e objeto cognato eram agramaticais. Repetimos o segundo exemplo em (51a.)

(51) a. *O bebé nasceu de um nascimento difícil.

b. O bebé teve um nascimento difícil.

Segundo Hale & Keyser (1993), a impossibilidade destas estruturas está descrita, desde logo, no Léxico, na estrutura argumental lexical do verbo. Em MD, pensa-se que estas restrições sejam realizadas pelo filtro concetual em interface com o módulo Enciclopédia (onde está arquivado o conhecimento linguístico e o não-linguístico do indivíduo) e a Forma Lógica.

Apenas um verbo leve, desprovido de parte do seu sentido descritivo básico, pode ser inserido numa estrutura deste tipo já formada, dado que a raiz a inserir não é a raiz geradora da estrutura mas o núcleo verbal licenciador (da estrutura já derivada). Nestes casos, o componente nuclear é a cópia nominal da raiz verbal inserida por movimento por cópia, que, segundo os pressupostos da MD, sobrevive sem a cópia verbal¹⁴. Este entendimento da estrutura (51) vai ao encontro do que Gonçalves & Raposo (2013) consideram, sendo que o elemento “que contribui centralmente para a predicação nas construções com verbos leves é o complemento nominal e não o verbo” (Gonçalves & Raposo, 2013: 1215). Assim, o verbo leve surge como uma necessidade sintático-semântica de licenciamento de uma estrutura já formada, caso contrário a estrutura não derivaria produtivamente. No entanto, mais evidências devem ser tidas em consideração no estudo dos verbos leves e nomes deverbais no contexto de paráfrases de OC.

Neste momento, justifica-se colocar a questão: será que as estruturas com um verbo leve e nome deverbal que sejam a paráfrase de um verbo pleno seguido de OC têm iguais condições de ocorrência e semelhantes restrições sintático-semânticas? Para a discussão sobre as condições de ocorrência e restrições sintático-semânticas das paráfrases por verbo leve e nome deverbal,

14 O movimento por cópia adotado pela MD é ligeiramente diferente do desenvolvido pelo PM, nomeadamente no que se refere à sobrevivência e apagamento das cópias da cadeia de movimentos. Em MD, as cópias não estão sujeitas a apagamento, podem, contudo, não ser soletradas durante a derivação e, assim, ficam invisíveis fonologicamente. Vejam-se os trabalhos de Nunes (2004) para as condições de redução de cadeias, no âmbito do PM.



voltemos aos exemplos com *espurrar*, *sonhar* e *cantar*, aqui repetidos em (52), em contraste com as paráfrases por verbo leve apresentadas em (53).

- (52) a. **Espirrei** *um espirro enérgico*. (OC verdadeiro)
 b. **Sonhei** *um sonho que não devia ter sonhado*. (OC verdadeiro)
 c. Fabiana **cantou** *uma canção do filme Pequena Sereia*. (OC aparentado, argumento verbal)
- (53) a. **Dei** *um espirro enérgico*.
 b. **Tive** *um sonho que não devia ter tido*.
 c. #Fabiana **fez** *uma canção do filme Pequena Sereia*.

Em (53c) temos um verbo leve, com interpretação de execução.

Foquemos, portanto, a nossa análise nos exemplos com *espurrar* e *sonhar*. Sintaticamente, as construções em (52) e (53) são distintas: nas primeiras, é possível a omissão do SN, uma vez que estamos diante de verbos com objetos cognatos (embora de tipos diferentes), enquanto nas segundas tal omissão gera agramaticalidade. Gonçalves *et al.* (2010) explicam a impossibilidade de um verbo leve ocorrer sem complemento afirmando que os verbos leves formam com a nominalização deverbal predicados complexos e “podem preservar a estrutura argumental do verbo pleno correspondente” (Gonçalves *et al.*, 2010: 452).

Vejam os exemplos de Gonçalves *et al.* (2010) com o verbo *dar*, ora como verbo pleno (54a) ora como verbo leve (54b).

- (54) a) O Pedro deu uma gravata ao pai.
 b) O Pedro deu um abraço ao pai.

No exemplo (54a) há transferência de posse, típica do verbo pleno *dar*, sendo que uma entidade (*uma gravata*) passa do possuidor *x* (*o Pedro*) para o possuidor *y* (*o pai*), como resultado de uma situação eventiva intencional; no exemplo (54b), com o verbo leve *dar*, uma pequena



parte do significado é mantida, no seu valor de intencionalidade. No entanto, na nossa perspetiva, as construções são distintas e colocam-se dois problemas: *um abraço* não é uma entidade autónoma do evento, como *uma gravata* em (54a), ou seja, não pré-existe nem subsiste posteriormente ao evento de abraçar o pai, por ser um *possessum* inalienável do evento, pelo que grande parte do significado do verbo pleno acaba por se perder.

Mas vejamos o que acontece com a estrutura argumental. O verbo pleno *dar* apresenta uma estrutura argumental de três argumentos (sujeito, OD e OI), como em (54a), o que leva Gonçalves *et al.* (2010) a defender que o verbo leve também mantém essa estrutura.

De facto, a estrutura de três argumentos parece manter-se em exemplos como (54b), com o verbo leve *dar* e a nominalização *um abraço*. No entanto, se pensarmos em estruturas cognatas com o verbo *espirrar*, tal não se verifica (53a).

A paráfrase de *espirrar* pelo verbo leve *dar* + nominalização deverbal é boa, mas não há preservação do significado (perde-se a ideia de transferência) nem da estrutura argumental do verbo pleno (falta o terceiro argumento, o OI, o Beneficiário). Perante este exemplo, podemos pensar que o verbo leve herda não a estrutura argumental do verbo pleno homónimo, mas a estrutura argumental da raiz comum ao verbo *espirrar* e à nominalização deverbal *espirro*. Tal ilação parece apoiar a hipótese de que a coindexação sintática opera entre as raízes e não entre os Itens de Vocabulário finais. Recorde-se que, segundo Grimshaw (1990), as nominalizações deverbais mantêm, em geral, a estrutura argumental e eventiva dos verbos morfologicamente relacionados com elas.

Neste sentido, não estamos perante construções com as mesmas exigências sintático-semânticas: na construção com o verbo *espirrar*, a nominalização quando presente como OC exige um modificador restritivo; na construção com o verbo leve, a nominalização não pode ser suprimida e pode ocorrer sem modificador restritivo (cf. dados em (55)).

- (55) a. Ele espirrou./*Ele espirrou *um espirro*.
b. *Ele deu./Ele deu *um espirro*.



A breve reflexão aqui realizada permite-nos retirar algumas ilações finais: (i) as construções com OC são apenas parcialmente parafraseáveis por verbos leves; (ii) as estruturas com verbos leves mantêm muito parcialmente o significado e as estruturas argumentais dos verbos plenos correspondentes; (iii) as paráfrases por verbos leves + nominalizações deverbais não estão sujeitas às mesmas restrições sintático-semânticas que as construções com OC; ou (iv), há diferentes tipos/graus de verbos leves, com *dar abraço* permite a pronominalização, a topicalização e a passiva, com *dar espirro* não (cf. (56) em contraste com (57)).

(56) a. *Ele espirrou-o

b. *Foi um espirro enérgico que ele deu.

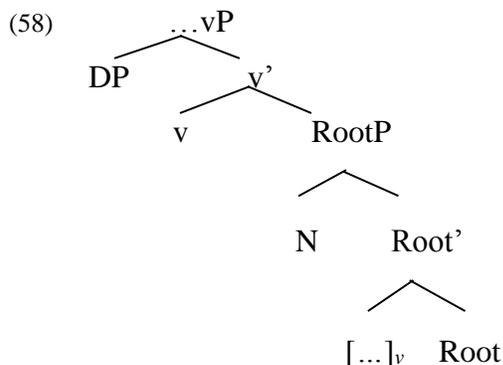
c. *Um espirro foi dado por ele.

(57) a. ?O Pedro deu-o ao pai.

b. Foi um abraço que o Pedro deu ao pai.

c. Um abraço foi dado ao pai pelo Pedro.

No entanto, propomos, para os predicados com verbos leves e nominalizações deverbais, em situação de paráfrase de OC verdadeiros, a mesma estrutura que propusemos para os predicados com os verbos plenos e os OC morfologicamente relacionados, com a diferença de que o verbo leve é inserido, por inserção tardia, apenas em v e o verbo pleno resulta da primeira inserção, com fusão da raiz e o morfema verbalizador, que ascende para v por movimento por cópia. Retomamos a estrutura em (58).



Na ausência de soletração da raiz verbal e sem o seu movimento para *v*, o verbo leve é inserido diretamente em *v*, perdendo-se a coindexação sintática e as fortes restrições sintático-semânticas que aqueles OC evidenciam.

Ficam aqui por analisar sintaticamente as estruturas com OC parentados, por questões de limites de espaço, mas consideramos poderem ser explicadas pela mesma estrutura, o que marca a diferença são as operações de movimento, inserção e a não coindexação sintática destes OC com o verbo, aparentemente cognatos, o que permite as operações de passiva e pronominalização, típicas de qualquer objeto não cognato. É importante reforçar ainda que a inserção da nova raiz (cognata para os OC aparentados e não cognata para os OH) é inserida diretamente na posição de especificador de RootP e não no nó terminal [Root, Root'], onde já havia sido inserido material lexical; a raiz nominal inserida, seja do OC aparentado, seja do OH, e a raiz verbal são projetadas em diferentes momentos da derivação; dão-se, então, dois *spell out* em cada construção (um que torna visível o item verbal e outro que soletra o item nominal).

Os objetos cognatos aparentados e os hipónimos são, portanto, argumentos dos respetivos verbos, recebendo papel temático e caso, como um complemento direto comum.

Estas propriedades são precisamente aquelas que nos permitem distinguir a cognação aparentada da cognação com OC verdadeiros, em que as duas cópias (a nominal e a verbal) resultam da mesma raiz e do mesmo *spell out*, o que justifica o maior número de restrições sintáticas e semânticas destas últimas construções.

4. Conclusões

A partir das análises sintáticas realizadas, no quadro da MD (Haugen, 2009; Marantz, 1993; Alexiadou, 2001, 2006), propusemos que os OC verdadeiros não sejam considerados argumentos verdadeiros dos verbos que os acolhem, embora albergados na mesma posição que os argumentos – especificador de RootP, sendo tipicamente constituintes em adjacência ao verbo, com leitura de evento, criados pela mesma raiz que deu origem ao verbo (inicialmente acategorial), o que leva à coindexação sintática; os OC aparentados, representando entidades, são argumentos verdadeiros, inseridos diretamente na posição de um argumento interno (especificador de RootP), podendo ser



pronominalizados e passivizados como os objetos diretos não cognatos; as paráfrases de verbo pleno + OC por verbo leve + nominalização deverbal poderão ser analisadas pela mesma estrutura, considerando que a operação de coindexação sintática e os mecanismos como inserção tardia, movimento por cópia e *spell out* podem determinar as diferenças entre as construções (Choupina, 2013; Haugen, 2009).

Considera-se, a nível teórico, que uma teoria lexicalista como a de Hale & Keyser (1993, 2002), desenvolvida para dar conta do fenómeno em Inglês, ainda que tenha despoletado um outro olhar no campo dos estudos da estrutura argumental verbal, não permite analisar a diversidade de OC existentes em PE, razão pela qual optámos por um quadro teórico inspirado nos princípios da MD (Marantz, 1993; Embick & Noyer, 2001).

Referências

- Alexiadou, A. (2001). *Functional Structure in Nominals: Nominalization and Ergativity*, Amsterdam: John Benjamins.
- Alexiadou, A. (2006). On the morphosyntax of (anti-)causative verbs. web: <http://ifla.uni-stuttgart.de/files/artemis-anitaworkpap-revised3.pdf> (28/05/2013).
- Cano Aguilar, R. (1981). *Estructuras Transitivas del español actual*. Madrid: Gredos.
- Chomsky, N. (1995), *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Choupina, C. M. (2013). Regência, Transitividade e Intransitividade: noções e critérios. Uma abordagem sintática de verbos com objetos cognatos em PE. Dissertação de Doutoramento, FLUP, Porto: Edição de autor.
- Embick, D. & Noyer, R. (2001). Movement Operations after Syntax. In *Linguistic Inquiry*, Volume 32, Number 4, 555–595.
- Gallego, A. (2012). A note on cognate objects: cognation as doubling. In Bentzen K. & Fábregas A. (eds.) *Nordlyd* 39.1: 95-112, University of Tromsø. [On-line], disponível em: <http://www.ub.uit.no/baser/nordlyd/>. [acedido em 11/05/2012].



- Gonçalves, A. *et al.* (2006). Propriedades predicativas dos verbos leves *dar, ter e fazer*: estrutura argumental e eventiva. [On-line], disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/gramatica/publicacoes_preplexos/actas_sel.pdf (acedido em 11/06/2013).
- Gonçalves, A., Cunha, L. F., Miguel, M., Silvano, P. & Silva, F. (2010). Propriedades predicativas dos verbos leves: estrutura argumental e eventiva. In *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto: APL. 449-464.
- Gonçalves, A. & Raposo, P. (2013). Verbo e sintagma verbal. In E. P. Raposo *et al.* (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1155-1218
- Grimshaw, J. (1990). *Argument Structure*. Cambridge/MA: The MIT Press.
- Hale, K., Keyser, S.J. (1993). On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In Hale, K & Keyser, S.J. (eds.). *The View From Building 20: Essays in Linguistics in honour of Sylvain Bromberger*. Cambridge. Mass.: MIT Press., 53-109.
- Hale, K., Keyser, S.J. (2002). *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge, Mass., MIT Press.
- Halle, M. & Marantz, A. (1994). Some Key Features of Distributed Morphology. In A. Carnie, H. Harley & T. Bures, (eds.) *Papers on phonology and morphology*. MIT Working Papers in Linguistics, 21, 275-288.
- Haugen, J. D. (2009). Hyponymous objects and Late Insertion. *Lingua* 119 (2). 242-262.
- Harley, H. & R. Noyer. (1999). *State-of-the-Article: Distributed Morphology*. In *Glott International* 4.4, 3-9.
- Höche, S. (2009). *Cognate Object Constructions in English. A Cognitive-Linguistic Account*. Germany: Gunter Narr Verlag Tübingen.
- Kratzer, A. (1996). *Severing the external argument from the verb*. In J. Rooryck & L. Zaring (orgs.) *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer. 109-137.
- Leung, R., (2007). *Um estudo sobre os objetos cognatos e os adjetivos adverbiais no português do Brasil*. São Paulo. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. [On-line], disponível em <http://www.fflch.usp.br/dl/pos/teses/LEUNGrenata.pdf> (acedido em 20/03/2012).



- Marantz, A. (1993). Implications of Asymmetries in Double Object Constructions. In Mchombo, S. A. (eds.) *Theoretical aspects of Bantu Grammar*, Vol. 1. Stanford: CSLI Publications, 113-150.
- Marantz, A. (2001). *Words and things*. Handout of a talk at the XX West Coast Conference on Formal Linguistics, University of Southern California, 29 p. [On-line], disponível em <http://web.mit.edu/marantz/Public/ALI/Handouts/ALIThird.pdf> (acedido em 12/02/2012).
- Massam, D. (1990). Cognate objects as thematic objects. In *Canadian Journal of Linguistics* 35: 2, 161-190.
- Moreno Cabrera, J. C. (1991). Transitividad y objeto directo e indirecto. Causatividad. In *Curso Universitario de Lingüística General. Tomo I –Teoría de la gramática y sintaxis general*. 2ª ed. Síntesis, 489-516.
- Nunes, J. (2004). *Linearization of chains and sideward movement*. Mass: The MIT Press.
- Pustejovsky, J. (1995). *The Generative Lexicon*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Real-Puigdollers, C. (2008). The Nature of Cognate Objects. A Syntactic Approach. In *Proceedings ConSOLE XVI*. 157–178. [On-line], disponível em <http://www.sole.leidenuniv.nl> (acedido em 27/05/2011).
- Siddiqi, D. (2009). *Syntax within the Word. Economy, allomorphy, and argument selection in distributed morphology*, *Linguistik aktuell/Linguistics Today*: JB.
- Silva, M. (2010) *As construções com objeto cognato em Português: análise baseada no uso de um desencontro sintático-semântico e sua modelagem formal pela gramática das construções*, tese de doutoramento [On-line], disponível em http://www.btdt.ufjf.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=820 (acedido em 20/05/2012).

